

Costa Matos, o Poeta Ecumênico

Francisco Hélder Catunda de Sabóia¹

“O mundo é um cavalo e o cabresto é o dinheiro”. Com esta oração o ficcionista Costa Matos inicia o romance intitulado *o Rio Subterrâneo*, centrado na ambiência sócio-cultural da Ipueiras dos idos de 1950, início da década seguinte, onde o enfoque sociológico se volta para os conflitos que se desencadeavam ao longo das virulentas campanhas eleitorais, em que os chefes políticos da localidade disputavam a liderança do poder municipal. Este intróito não traduz qualquer pretensão de querermos adentrar a crítica da produção literária do Costa Matos, recentemente falecido. Não, longe de nós qualquer intenção nesse sentido, pois, mesmo se o quiséssemos, faltar-nos-iam engenho e arte para tamanha empreitada. Na certa, algum dos seus pares da honrada e vetusta Academia Cearense de Letras o farão com o devido brilhantismo. Mesmo nos eximindo deste ingente encargo, não poderíamos deixar de ressaltar a grandeza cósmica de sua poesia. Foi telúrico quando, como filho amoroso, arpejou, nas cordas do coração, o amor à terra natal. Assim falou o poeta: “Aquele riozinho é o Jatobá gemendo sob a ponte. Os feitiços da cor no anseio do horizonte e a desintegração do céu em mil perfumes. O Cristo Redentor, minha casa, as colinas, o terço ao pôr do sol, mãos postas, pequeninas, e a névoa do Senhor abençoando os cumes”. E, saudoso da mãe terra distante, lamuriou-se: “Fevereiro atçou fogueiras aurorais na combustão floral que acende ipês na serra. Como deve estar linda agora a minha terra, se andou chovendo assim, qual leio nos jornais. Um voo de festa de andorinhas hibernais, sobre a igreja branca, em leque, se descerra. E, vencendo a distância, a minha saudade erra pelo torrão que guarda as cinzas de meus pais”.Versejou, pelos apaixonados, os amores

¹ Advogado

inesquecíveis e, em Bilhete Azul: “Hoje, ao pegar nas cartas que me mandaste e, ao mandá-las de volta, eu me lembrei pois já não te ama o coração que amaste nem sei se ama o coração que amei.... Se algum dia eu falar deste passado feliz que o tempo há muito devorou, não penses que para ti terei voltado e que a felicidade derrama seus dulçores por tudo aquilo que passou... Saudade, apenas, não te quero mais, adeus”. O “menestrel”, na sua condição humana, teve, como todos nós, momentos de incertezas e desalento quando disse “Numa hora de cansaço e de descrença rasguei sem pena todos os meus versos. Desajudado e só, frente aos fados adversos, a luta é vã, sem glória ou recompensa. Quando se esmaga um poeta a indiferença pesa bem mais que os gelos milenares das paisagens sem sol dos círculos polares”. Na teologia escatológica, vislumbrou o final dos tempos e vaticinou “Na agonia da Terra as truculentas massas profanam sem piedade as últimas carcaças da esperança e do amor, na assombração do escuro. E eu, mudo de terror, a minha angústia escondo, enquanto escuto, ao longe, pavoroso estrondo, destas horas sem Deus fecundando o futuro”. E no plano individual disse o vate: “Morrer, voar, abraçar no espaço os gênios de outras eras e colher uma flor em cada estrela acesa. Ver de perto a criação de mundos”. Não esqueceu de agradecer ao Senhor o dom da vida e assim orou: “Não encontrei motivo, em toda minha vida, para amaldiçoar o meu caminho. O bem que eu quero ter, sem muita lida, cedo ou tarde se integra em meu carinho. Quis Deus Nosso Senhor minha alma rica da Grande Paz, de luz, do amor profundo que eu desejei, e agora multiplica prêmios, por tudo que eu sofri no mundo”. Muito e muito mais teríamos a reproduzir da poesia do Costa Matos, enfeixadas, dentre outras, nas obras: *Pirilampos. As Viagens. O Sonho das Respostas. Estações de Sonetos*. Naquela pequena estatura, à semelhança de Rui Barbosa, se abrigava um gigante que, mesmo aprisionado na corporeidade, se manifestava, pujante, na força incontida de sua majestosa produção intelectual. Buscando a concisão ressaltamos o que, de mais belo à nossa sensibilidade, quer transmitir a riqueza multifária de sua manifestação poética. Falamos do literato

que, aqui e alhures, conquistou vários prêmios. Do ser humano, ficam sua generosidade, a simplicidade, a alegria de viver, a lhanza no trato e os ditos jocosos sobre as figuras folclóricas da velha Ipueiras. Em que pese sua erudição no campo da ontologia, não se rendeu à frieza da razão pura. Permaneceu humilde ante a incógnita do sobrenatural, fiel à sua fé inquebrantável em Deus, que a demonstrava, com convicção, nas filosóficas crônicas quinzenais no *Diário do Nordeste*. Ficam, também, o exemplo de vida em família, de pai amoroso, do eminente professor e, acima de tudo, permanece entre nós, amigos, conterrâneos e admiradores, a luz de sua radiante presença aqui na Terra. E os rastros dessa luz hão de perpassar o tempo porque a luminescência, que se irradia lá dos páramos celestiais, carrega a eterna sabedoria de um filósofo que viveu para fazer o bem, transmitido a todos que o circundavam a preciosidade de seus conhecimentos, em especial aos discípulos de antanho, na Ipueiras querida, na Faculdade de Filosofia em Sobral e, os de agora, nos círculos universitários aqui sediados, pois mestre consagrado de filosofia, de literatura e da língua pátria. É a nossa sincera homenagem. Homenagem e gratidão de ex-aluno e amigo, conterrâneo e admirador.